

Donna Leon

O Estranho Caso Ford

Tradução
Maria João Freire de Andrade

 Planeta



Grupo  Planeta

Booket é uma chancela de
PLANETA MANUSCRITO
Rua do Loreto, n.º 16 – 1.º Direito
1200-242 Lisboa • Portugal

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor

© 2002, Donna Leon e Diogenes Verlag AG Zurique
© 2009, Planeta Manuscrito

Título original: *Wilful Behavior*

Revisão: Fernanda Fonseca

Paginação: Guidesign

1.ª edição Booket: Junho de 2012

Depósito legal n.º 345927/12

Impressão e acabamento: Printer Portuguesa

ISBN: 978-989-657-316-4

www.planeta.pt

*I dubbi, i sospetti
Gelare me fan.*

Dúvidas e desconfianças
Transformam-me em gelo.

Mozart
Le Nozze di Figaro

A explosão deu-se ao pequeno-almoço. A posição de Brunetti como *commissario* da polícia, embora tornasse a possibilidade daquelas explosões mais prováveis do que o seriam para um cidadão normal, não tornava o cenário em que decorria menos estranho. No entanto esse cenário estava mais relacionado com a situação pessoal de Brunetti como marido de uma mulher de perspectivas e políticas incandescentes, embora inconsistentes, e não tanto com a sua profissão.

– Por que é que nos damos ao trabalho de ler este nojento monte de lixo? – explodiu Paola a bater, furiosa, com o exemplar dobrado do *Gazzettino* daquele dia sobre a mesa do pequeno-almoço, onde fez tremer o açucareiro.

Brunetti inclinou-se para a frente, empurrou a ponta do jornal para o lado com o indicador e endireitou o açucareiro. Pegou num segundo brioche e deu-lhe uma dentada, sabendo que a explicação se iria seguir.

– Ouve isto – disse Paola, a pegar no jornal e a ler o cabeçalho do principal artigo na primeira página –, «Fulvia Prato Conta a Sua Terrível Provação».

Tal como toda a Itália, Brunetti estava familiarizado com Fulvia Prato, esposa de um abastado industrial florentino, que fora raptada há treze meses e durante todo esse tempo mantida numa cave pelos seus raptos. Libertada duas semanas antes pelos Carabinieri, falara pela primeira vez no dia anterior com a imprensa. Ele não fazia a mínima ideia de que coisa especialmente ofensiva Paola encontrara no cabeçalho.

– E isto – disse ela, a folhear o jornal para o fim da página cinco. – «Ministra da UE Confessa Assédio Sexual no Seu Anterior Local de Trabalho.» – Brunetti também estava familiarizado com aquele caso: uma comissária da Comissão Europeia, não se conseguia lembrar de qual a sua exacta posição (uma daquelas posições triviais que dão às mulheres), dissera no dia anterior numa conferência de imprensa que fora vítima de agressão sexual há vinte anos quando trabalhava numa empresa de engenharia civil.

Um homem que nos seus mais de vinte anos de vida de casado aprendera a ser paciente, Brunetti esperou pela explicação de Paola.

– Consegues acreditar que usaram essa palavra? A Signora Prato não teve de *confessar* que foi vítima de rapto, mas esta pobre mulher *confessou* ter sido vítima de uma espécie qualquer de ataque sexual. E como é típico destes trogloditas – disse ela com uma pancada seca no jornal – não explicaram o que aconteceu, apenas dizem que foi de carácter sexual. Céus, nem sei porque nos damos ao trabalho de o ler.

– É difícil de acreditar, não é? – concordou Brunetti, também ele genuinamente chocado pela utilização da palavra e ainda mais chocado por não ter registado a sua discrepância até Paola lha apontar.

Anos antes, ele começara a fazer uma ligeira troça daquilo a que na altura chamara os seus «sermões de café», as declarações fulminantes com as quais ela acolhia a leitura dos jornais matutinos, mas com o passar dos anos começara a ver que existia uma grande dose de bom senso na sua aparente loucura.

– Alguma vez tiveste de lidar com este tipo de coisa? – perguntou-lhe Paola. Levantou, virada para ele, a metade inferior do jornal, por isso Brunetti sabia que não se estava a referir ao rapto.

– Uma vez, há anos.

– Onde?

– Em Nápoles. Quando estive ali destacado.

– O que aconteceu?
– Uma mulher comunicou que tinha sido violada. Queria apresentar queixa. – Interrompeu-se, e deixou a recordação voltar. – Fora o marido dela.

A pausa de Paola foi igualmente longa; de seguida, perguntou:

– E então?
– O interrogatório foi feito pelo *commissario* com quem eu trabalhava na altura.

– E?
– Ele disse-lhe para ela pensar naquilo que estava a fazer, que iria causar muitos problemas ao marido.

Daquela vez, o silêncio de Paola foi suficiente para o espiçar.

– Depois de o ouvir, ela disse que precisava de tempo para pensar acerca do assunto, e saiu. – Ainda se conseguia recordar da posição dos ombros da mulher ao sair do gabinete onde o interrogatório decorreria. – Nunca mais voltou.

Paola suspirou, depois perguntou:

– As coisas mudaram muito desde essa altura?
– Um pouco.
– Estão melhores?
– Muito pouco. Pelo menos, tentamos ter agentes femininas a fazerem a primeira entrevista.

– Tentam?
– Se houver alguma de serviço, quando as queixosas aparecem.

– E se não houver nenhuma?
– Fazemos algumas chamadas e vemos se há alguma mulher que possa entrar de serviço.

– E se não houver?

Brunetti perguntou-se como é que o pequeno-almoço se transformara na inquisição.

– Se não houver, então são entrevistadas por quem estiver disponível.

– Presumo que isso signifique que homens como o Alvisse ou o tenente Scarpa podem fazer a entrevista. – Não fez qualquer tentativa para disfarçar a sua repulsa.

– Não é bem uma entrevista, Paola, não como quando se tem um suspeito.

Ela apontou para o *Gazzettino*, a unha a tamborilar numa batida tripla e rápida no segundo cabeçalho.

– Numa cidade onde *isto* é possível, odeio pensar em *qualquer* tipo de interrogatório.

Ele estava prestes a contestar quando ela, talvez presentindo-o, mudou completamente de tom e perguntou:

– Que tal está o teu dia? Vens almoçar a casa?

Aliviado, e consciente de que estava a tentar o destino mas incapaz de se deter, respondeu:

– Acho que sim. Em Veneza, o crime parece estar de férias.

– Céus, quem me dera poder dizer isso a respeito dos meus alunos – observou Paola, com uma resignação cansada.

– Paola, só há seis dias é que voltaste às aulas – não conseguiu evitar dizer. Perguntou-se como é que ela monopolizara o direito de se queixar acerca de trabalho. Afinal ele tinha de lidar, se não numa base diária pelo menos com uma frequência perturbadora, com homicídios, violações e assaltos, enquanto a pior coisa que podia acontecer na sala de aulas dela era alguém poder perguntar-lhe qual a identidade da Dark Lady ou esquecer-se do que acontecera no final de *Washington Square*. Estava prestes a dizer alguma coisa nesse sentido quando viu a expressão dos olhos de Paola. – O que é que se passa? – perguntou ele.

– Hein? – Brunetti sabia conhecer uma evasiva quando a via ou ouvia.

– Perguntei-te o que é que se passava.

– Oh, alunos difíceis. O costume.

Voltou a reconhecer que ela estava relutante em falar de alguma coisa. Empurrou a cadeira para trás e levantou-se.

Aproximou-se dela, colocou-lhe a mão no ombro e inclinou-se para a beijar no cimo da cabeça.

– Vejo-te à hora de almoço.

– Viverei com essa única esperança – respondeu ela, e debruçou-se para a frente para sacudir o açúcar entornado.

Sentada sozinha à mesa, Paola viu-se confrontada com a decisão de acabar de ler o jornal ou lavar os pratos: escolheu os pratos. Depois dessa tarefa terminada, olhou para o relógio e viu que a sua única aula do dia começava dentro de menos de uma hora; regressou ao quarto para acabar de se vestir, a mente absorvida, como era frequente acontecer, com a escrita de Henry James, embora naquele caso estivesse a pensar se ele teria influenciado Edith Wharton, cujos romances iriam ser o assunto da aula.

As suas últimas aulas estavam relacionadas com a honradez e o comportamento correcto e o modo como eram fundamentais nos três grandes romances de Wharton, mas interrogava-se se esse conceito ainda teria o mesmo significado para os seus alunos; na verdade, se teria algum significado para os seus alunos. Naquela manhã quisera falar com Guido a esse respeito, já que respeitava as opiniões dele quanto ao assunto, mas o cabeçalho distraíra-a.

Passadas décadas, já não podia fingir que não reparava na resposta habitual dele aos seus sermões de café: aquela vontade urgente de se levantar da mesa. Sorriu ao pensar no termo que ele inventara e no afecto com que normalmente o utilizava. Sabia que reagia com demasiada rapidez e violência a qualquer estímulo; na verdade, num momento de verdadeira fúria, o marido vociferou-lhe uma lista infindável de assuntos que a levavam a abandonar uma atitude racional. Recusara-se a considerar a lista dele, embora a sua exactidão fosse suficiente para a arrepiar.

O primeiro frio do Outono caíra sobre a cidade no dia anterior; Paola tirou do roupeiro um blusão leve de lã, pegou na pasta e saiu do apartamento. Embora atravessasse a cidade

de Veneza para chegar à sua sala de aula, era em Nova Iorque que estava a pensar, a cidade onde decorria o drama das vidas das mulheres dos romances de Wharton há um século. Ao tentar contornar as regras sociais, do dinheiro novo e antigo, do poder estabelecido dos homens, e por vezes do poder ainda maior da sua própria beleza e encanto, as suas três protagonistas encontravam-se perpetuamente lançadas contra as rochas escondidas da honra. Mas a passagem do tempo, reflectiu Paola, fizera desaparecer da mente comum qualquer acordo universal quanto àquilo que constituía um comportamento honrado.

Claro que os livros não sugeriam que a honra triunfava: num caso custava a vida à sua heroína; outra perdia a sua felicidade devido a isso; a terceira triunfava apenas devido a uma incapacidade constitucional para o perceber. Então, como debater a sua importância, em especial com uma turma de jovens que iria apenas identificar-se – se é que, na verdade, os alunos ainda eram capazes de se identificar com personagens que não pertenciam a um filme – com a terceira?

A aula decorreu como ela esperara e encontrou-se, no fim desta, tentada a fazer-lhes uma citação da Bíblia (um livro pelo qual não sentia nenhuma simpatia em especial), a parte acerca daqueles que têm olhos e não conseguem ver, ouvidos e não conseguem ouvir, mas conteve-se, percebendo que os seus alunos seriam tão insensíveis aos Evangelhos como o tinham demonstrado ser em relação a Wharton.

Os jovens formaram uma fila para sair da aula, e Paola atarefou-se a enfiar papéis e livros na pasta. O fracasso que sentia quanto à sua profissão já não a perturbava tanto como uns anos antes, quando percebera pela primeira vez como era incompreensível para os seus alunos muito daquilo que ela dizia, e provavelmente muito daquilo em que acreditava. Quando já dava aulas há sete anos, fizera uma referência à *Iliada* e, perante a apatia geral, descobrira que apenas um dos alunos da turma se lembrava vagamente de o ter lido,

e até esse fora incapaz de compreender o conceito de comportamento heróico. Os troianos tinham perdido, não tinham, por isso quem se interessava pela maneira como Heitor se tinha comportado?

– Os tempos estão desarticulados – sussurrou para si mesma em inglês e depois sobressaltou-se surpreendida, ao aperceber-se de que havia alguém junto dela, uma das alunas, uma jovem, agora provavelmente convencida de que a professora era doida.

– Sim, Claudia? – perguntou, com a certeza quase absoluta de que aquele era o nome da rapariga. Baixa, de cabelo e olhos escuros, a rapariga tinha uma pele branca e leitosa que lhe dava o aspecto de nunca ter estado ao sol. Tivera aulas com Paola no ano anterior, raramente falava, tomava notas frequentes, e saíra-se muito bem nos exames, deixando Paola com a impressão geral e vaga de uma jovem brilhante incapacitada pela timidez.

– Gostaria de saber se posso falar consigo, *professoressa* – disse a rapariga.

Lembrando-se de que só podia ser mordaz com os próprios filhos, Paola não perguntou se não era aquilo que estavam a fazer. Em vez disso, fechou a pasta e virou-se para encarar a rapariga.

– Claro. Acerca de quê? Wharton?

– Bem, mais ou menos, *professoressa*, mas não é bem isso.

De novo, Paola coibiu-se de apontar que apenas uma daquelas respostas podia ser verdadeira.

– Então, é acerca de quê? – perguntou, mas sorriu ao fazer a pergunta, não querendo que aquela rapariga normalmente silenciosa se sentisse relutante em prosseguir. Para evitar qualquer sugestão que pudesse mostrar que estava ansiosa por sair, Paola tirou a mão do interior da pasta, voltou a encostar-se à secretária e sorriu de novo.

– É acerca da minha avó – disse a jovem, olhando com ar inquiridor para Paola, como se a perguntar se ela sabia

o que era uma avó. Olhou na direcção da porta, de novo para Paola, depois outra vez para a porta. – Gostaria de obter uma resposta acerca de uma coisa que a está a preocupar. – Tendo dito isto, interrompeu-se.

Quando lhe pareceu que Claudia não ia prosseguir, Paola pegou na pasta e dirigiu-se lentamente para a porta. A rapariga deu a volta e abriu-lha, a recuar para deixar que Paola passasse primeiro. Agradada por aquele sinal de respeito e desagradada consigo por se sentir assim, Paola perguntou (não que conseguisse perceber qual a importância, mas a pensar que a resposta poderia fornecer à rapariga um motivo para dar mais informações):

- É a mãe da tua mãe ou a do teu pai?
- Bom, na verdade, de nenhum, *professoressa*.

A prometer a si mesma uma enorme recompensa por todas as respostas não proferidas naquela conversa, se é que se lhe podia chamar conversa, Paola disse:

- Como uma segunda avó?

Claudia sorriu, uma resposta que pareceu manifestar-se em primeiro lugar nos olhos e ainda mais doce por isso.

– É isso mesmo. Não é a minha verdadeira avó, mas sempre lhe chamei isso. Nonna Hedi. Porque é austríaca, sabe.

Paola não o sabia, mas perguntou:

– É da família dos teus pais, uma tia-avó, ou qualquer coisa nesse género?

Tornou-se óbvio que a pergunta deixara a rapariga pouco à vontade.

– Não, não é, de modo nenhum. – Interrompeu-se, pensou e depois disse bruscamente: – Era uma amiga do meu avô, percebe?

– Ah – replicou Paola. Aquilo parecia estar a tornar-se muito mais complicado do que o simples pedido da rapariga parecia sugerir, o que a levou a indagar. – E o que é que me querias perguntar que esteja relacionado com ela?

- Bem, na verdade é com o seu marido, *professoressa*.

Paola ficou tão surpreendida que se limitou a repetir a observação da rapariga:

– O meu marido?

– Sim. Ele é polícia, não é?

– Sim, é.

– Bom, quero saber se lhe poderá fazer uma pergunta por mim, bom, isto é, uma coisa para a minha avó.

– Claro. O que é que queres que eu lhe pergunte?

– Bem, se ele sabe alguma coisa a respeito de perdões.

– Perdões?

– Sim. Perdões para crimes.

– Estás a referir-te a uma amnistia?

– Não, isso é o que o governo faz quando as prisões estão cheias e sai demasiado caro manter aí as pessoas. Limitam-se a deixá-las sair a todas e dizem que é devido a algum acontecimento especial, ou qualquer coisa no género. Mas não é acerca disso que estou a falar. Refiro-me a um perdão oficial, uma declaração formal por parte do Estado de que uma pessoa não foi culpada de um crime.

À medida que iam falando, tinham descido lentamente as escadas desde o quarto piso, mas nesse momento Paola deteve-se.

– Não tenho a certeza se estou a compreender, Claudia.

– Isso não interessa, *professora*. Fui a um advogado e perguntei-lhe, mas ele queria cinco milhões de liras para me dar uma resposta, e depois lembrei-me de que o seu marido é polícia, por isso pensei que talvez ele mo pudesse dizer.

Paola deixou que um aceno rápido servisse de assentimento.

– Podes dizer-me exactamente aquilo que queres que lhe pergunte, Claudia?

– Se existe algum processo legal por meio do qual uma pessoa que tenha morrido possa ser perdoada por uma coisa pela qual foi levada a tribunal.

– Foi apenas levada a tribunal?

– Sim.

As arestas da paciência de Paola surgiram quando perguntou:

– Não foi condenada nem enviada para a prisão?

– Na verdade, não. Isto é, condenada mas não enviada para a prisão.

Paola sorriu e colocou uma mão no braço da rapariga.

– Não tenho a certeza se estou a compreender. Condenada, mas não enviada para a prisão? Como é que isso pode acontecer?

A rapariga olhou por cima do corrimão para a porta aberta do edifício, quase como se a pergunta de Paola a tivesse incitado a fugir. Voltou a olhar para Paola e respondeu:

– Porque o tribunal disse que ele era louco.

Paola, tendo o cuidado de não parecer inquirir quem seria essa pessoa, pensou no assunto antes de perguntar:

– E para onde foi enviada?

– Para San Servolo. Foi aí que morreu.

Como qualquer pessoa em Veneza, Paola sabia que a ilha de San Servolo fora outrora o local de um manicómio, e servira esse objectivo até a Lei Basaglia fechar todas essas instituições, libertando os doentes ou transferindo-os para locais menos tenebrosos.

A sentir que a rapariga não lho iria dizer, Paola fez de qualquer maneira a pergunta.

– Queres-me dizer qual foi o crime?

– Não, acho que não – disse a rapariga, e recomeçou a descer as escadas. No fundo, virou-se e gritou para Paola:

– Vai perguntar-lhe?

– Claro – replicou Paola, sabendo que o iria fazer, agora tanto pela sua própria curiosidade bem como pelo desejo de fazer um favor àquela rapariga.

– Então, obrigada, *professoressa*. Encontramo-nos na aula da próxima semana. – Dizendo isto, Claudia dirigiu-se

para a porta, onde se deteve e olhou para cima, para Paola.
– Gostei mesmo dos livros, *professoressa* – gritou pela escadaria. – Partiu-se-me o coração com a Lily a morrer daquela maneira. Mas foi uma morte honrada, não foi?

Paola assentiu, satisfeita, por pelo menos um deles parecer ter compreendido.